

O TEMPO LÓGICO DE LACAN¹

Sonia Coelho²

O tempo antes de Freud e Lacan

As interrogações do homem com o tempo aparecem na filosofia, nas ciências e nas artes, como tentativas de respostas para a grande pergunta: o que é o tempo?

Há uma resposta famosa, a de Santo Agostinho no século III em “*Confissões*”: “*o tempo é o tema mais banal de nossas conversas cotidianas, e não fazemos outra coisa senão falar disso e, no entanto, se alguém nos pergunta sobre o que é isso de que tanto falamos nos vemos diante de um paradoxo*”.

Da Filosofia em Heidegger, é a partir da certeza da morte, enquanto possibilidade, que o tempo se coloca como questão para o homem. Lacan substitui a finitude absoluta da morte pela finitude do sujeito; veremos isto mais adiante.

Freud e o tempo

Freud não formulou diretamente um texto sobre o tempo, mas elaborou conceitos que dizem respeito ao assunto. Destaco o que aparece no livro “*A Interpretação dos Sonhos*” quando aborda a regressão e o esquecimento dos nomes – onde a expressão “*Nachträglich*” (*a posteriori* - ação retroativa, retrospectiva, dos pensamentos) é destaque. Ainda a noção de: memória, repetição, invenção, estão ligadas ao tempo. “*Nachträglich*” foi traduzida como “*après-coup*” (só depois) pela escola francesa. No seminário 8, aula 16, Lacan refere-se ao “*Nachträglich*” - ação retroativa em relação ao paradoxo desejo-demanda na fase genital e, no Seminário 9, da Identificação, volta ao assunto e diz que o sujeito projeta atrás de si (“*Nachträglich*”) pelo ato da fala um trabalho de reviramento de sua posição rumo ao “*wo es war, sol ich werdem*” (ali onde isso era o eu deve advir), que também pode ser lido assim: “*donde*

¹ XII Jornada Freud-Lacanianana, Recife/PE, 2006.

² Psicanalista. E-Mail: sc.recife@hotmail.com.

isso fala, instante anterior, estava- o desejo inconsciente - ali devo ser esse eu” - isto é, a elucidação da relação ao falo.

Ainda com Freud, leio na correspondência com Fliess: “*para que uma faça seus efeitos espere de cinco a 10 anos*”.

De que tempo se trata, nesta afirmativa?

Nas “*Conferências Introdutórias XXXI*” podemos ler:

“No id não existe nada que corresponda a ideia de tempo, e (...) nenhuma alteração em seus processos mentais é produzida pela passagem do tempo. Impulsos plenos de desejo que jamais passaram além do id (...) são virtualmente imortais, depois de se passarem décadas comportam-se como se tivessem ocorrido a pouco”.

Uma contradição com o “*wo es war*”...?

O tempo lógico de Lacan

A primeira teorização de Lacan sobre o tempo lógico apareceu nos “*Escritos*” em 1945 com o título “*O Tempo lógico e a asserção da certeza antecipada.*”

Segundo Elisabeth Roudinesco, após a guerra, a partir de 1936, Lacan passou a refletir sobre o que eram os vínculos de identificação internos à organização de grupos humanos em geral. Havia sentido a necessidade de compreender como *o fascismo* conseguira mobilizar a exaltação humana a serviço do mal. Revendo a teoria de Freud sobre “*Psicologia das Massas e Análise do Eu*”, que fazia uma distinção entre as multidões com condutor e as multidões sem condutor, e onde foi aventada a possibilidade de o lugar do chefe ser ocupado não por um homem real, mas por uma ideia ou uma abstração. Para Freud a identificação com o pai, com o chefe ou com uma ideia prevalecia sobre as relações entre os membros de um mesmo grupo.

A abordagem de Lacan para essa teoria foi trazida com a apresentação de um sofisma, que lhe contou André Weiss, e pelo sofisma fez a revisão da teoria freudiana. Trata-se de um teste proposto pelo diretor de um presídio a três prisioneiros, em troca da liberdade a quem primeiro conseguisse adivinhar a

resposta e, assim, deveria sair pela porta, contanto que pudessem explicar os motivos lógicos que os levaram ao resultado.

.Eis o teste: havia cinco discos, três brancos e dois pretos e três destes iriam ser fixados nas costas dos prisioneiros, sem que pudessem saber a cor. Eles não poderiam se comunicar entre si, apenas podiam se olhar.

Havia três respostas possíveis aos prisioneiros:

1. se **A** vê dois discos pretos, ele deduz que o seu é branco e sai;
2. se **A** vê um disco preto e um branco, fará o seguinte raciocínio: *”se eu fosse **C** (que é branco) e visse dois pretos **A** e **B**, eu sairia”*. Como **C** não sai, deduzo que sou branco e saio eu;
3. se **A** vê dois brancos, raciocina da seguinte forma: *se eu for preto, **B** e **C** estão vendo, cada qual, um branco e um preto. Cada um deles se diz: se sou preto o outro é branco (**B** ou **C**) vê dois pretos. Deduzem, então, que são brancos e saem. Mas, como não agem assim, eu, **A**, deduzo que sou branco.*

Aconteceu que o terceiro raciocínio foi utilizado pelos três, que saíram ao mesmo tempo e, assim, a liberdade prometida não foi alcançada. Lacan abordou este tema do seminário 1 ao 163[1]. No seminário 9, “*A Identificação*”, ocupou com o assunto as lições 5, 6, 20 e 21.

O que aconteceu? Onde a dificuldade? Que leitura fez Lacan desse sofisma?

O que se destaca nesta adivinhação é que o movimento dos outros dois coloca em dúvida a própria cor de cada um. Cada sujeito pensa que os outros estão partindo justamente porque ele seria preto. Mas o fato de todos os três pararem juntos, precipita o terceiro tempo o “*momento de concluir*”. Eles foram tomados pela mesma dúvida, o que exclui definitivamente a possibilidade de que um dos três porte o disco preto. Esta segunda hesitação só é possível na presença de três brancos, e os três saem juntos com a mesma conclusão.

A leitura psicanalítica deste sofisma indica que se trata de um apelo ao sujeito convocado a dizer quem ele é: preto ou branco. Mas ele não sabe quem é porque essa cor colocada as suas costas não dependeu de sua escolha. No primeiro momento -

instante de ver -, ele vê tudo que está fora de si - vê os outros, mas não sabe quem é. No segundo momento - tempo de compreender - realiza a elaboração - corresponde ao que Freud chamou de '*perlaboração*': acredita poder dizer quem é, mas não tem convicção; hesita e volta a olhar os outros e, sua hesitação, se articula com a deles - são os momentos de parada que ocorreram duas vezes durante o teste com os prisioneiros e se denominam "*moções suspensas*". No terceiro tempo criam coragem para se posicionar e passam da hesitação, apressando-se para concluir, embora sem garantias e de forma provisória. Esses movimentos, segundo Lacan, resultam do fato do sujeito ser finito, sexuado, incompleto, isto é, ser um ser de falta e, assim, como não tem todos os sexos, também no sofisma proposto não carregam todas as cores e devem se responsabilizar e se arriscar por sua parte, afirmar sua condição de liberdade.

O artigo sobre o tempo lógico, recebeu da filosofia com Heidegger, a inspiração, no que diz respeito à asserção de uma certeza antecipada, pois, para aquele filósofo, é a partir da certeza da morte enquanto possibilidade que o tempo se coloca como questão para o homem. Lacan substitui a finitude absoluta da morte pela finitude do sujeito, que o convoca a se posicionar, a dizer quem é.

A finitude do sujeito está em sua dependência com o outro, e daí se apressar para afirmar seu desejo.

O tempo lógico e a neurose obsessiva

As relações do obsessivo com o tempo, com suas dúvidas e hesitações, inibições, e preenchimento do tempo com atos e rituais mostram o congelamento do tempo de forma especial. O estudo do tempo lógico tem aí um papel fundamental no que diz respeito à função do analista, que será de romper esse equilíbrio com os cortes de tempo das sessões. O obsessivo encontra uma extensão ao infinito do tempo para compreender o que acarreta uma incapacidade de atingir o momento de concluir.

A cena está fixa, interminável. Lacan, em "*Função e Campo*", evocou a sessão curta como ferramenta indispensável para o manejo da análise nesta estrutura. No Seminário1, "*Os Escritos técnicos de Freud*", aula de 22 de 07/07/1954, dialoga com O. Manonni e diz:

”em cada obsessão há, necessariamente, certa quantidade de escansões temporais e, inclusive, signos numéricos. O sujeito pensando o pensamento do outro, vê no outro a imagem e o esboço de seus próprios movimentos. Agora bem, cada vez que o outro é exatamente o mesmo que o sujeito, não ha. mais amo que o amo absoluto, a morte. Mas o escravo necessita certo tempo para percebê-lo.”

No seminário 6 disse que “o obsessivo é alguém que nunca está verdadeiramente lá no lugar onde algo está em jogo que poderia ser qualificado de seu desejo”. Preenche o tempo com atos, um domínio estratégico do discurso.

No caminho da leitura clínica do sofisma em tela, ainda podemos comparar ainda a situação inicial dos prisioneiros à cristalização imaginária apresentada pelo sujeito que chega para demandar uma análise.

Quando o sujeito olha o outro - no exemplo dos prisioneiros - ele está em privação: ele procura o disco negro que poderia salvá-lo, mas o que o outro lhe apresenta é uma falta - um disco branco - o outro também está privado de um disco preto. O sujeito entra então numa modulação de relações de reciprocidade nesse registro - tempo de compreender. Observa-se que aí ele poderia ficar infinitamente sem saída. A relação intersubjetiva pura, no registro imaginário, não dá nenhuma solução possível. A possibilidade de saída do impasse ocorre quando o diretor da prisão (figurando como analista) introduz os discos pretos como significantes, e a condição do ganhar a liberdade, (solução de seus sintomas?) intervenção que desencadeia o processo, permitindo a passagem do instante de ver ao tempo para compreender. O sujeito é apressado e pressionado pelo objeto sendo ele próprio um objeto para o olhar do outro, e precipita a solução ao Outro que o marcou com um codicilo e que comanda seu destino.

Entretanto como o tempo para compreender não pode continuar infinito, a conclusão se impõe, a angústia emerge como efeito da intrusão do real no imaginário. A conclusão será dada pelas hesitações do outro, a partir da constatação de que o outro também sofre os efeitos da castração, da falta, o que precipita o momento de concluir. O tempo de compreender está implicado na transferência, visto que a solução do enigma se dirige ao diretor da prisão - como o Outro da transferência -, assim como a precipitação do sintoma numa análise. E o momento de concluir é análogo ao da interpretação, definida como um ato que toca as linhas do destino do sujeito - um corte. Mas, como afirma Lacan, importante notar que a interpretação é momento de abertura

em direção a um novo instante do olhar e assegura a alternância dos momentos de retificação possível em uma análise.

Aqui é necessário observarmos que o tempo de concluir não está atrelado ao final de uma análise, mas aos tempos que permitem ao analisante fazer retificações - ou, como diz Lacan -, “*aprender a lidar com seu sintoma ou fazer dele algo melhor atravessando a opacidade de sua fantasia fundamental*”. Também não diz respeito à duração do tempo das sessões -longas ou curtas -, mas ao tempo da constituição da subjetividade, da instituição do sujeito do inconsciente.

Tempo lógico é sinônimo de tempo subjetivo, cuja lógica é a do inconsciente...

NOTAS:

COELHO, Sonia. Tempos Lógicos: *Tempo de uma Análise*, Jornada Freud - Lacaniana - 2006

FREUD, Sigmund, Obras Completas:

- Vols. 4 e 5, *Os Sonhos* (cap. sobre regressão e esquecimento de nomes)
- Vols. 10, *Conferências Introdutórias XXXI*

GAZZOLA, Luiz Renato. *Estratégias na neurose obsessiva*, Edição do Campo Freudiano no Brasil, Ed. Zahar, Rio de Janeiro/RJ.

GONDAR, Jô. Editora Ágora, RJ, Internet, Rio de Janeiro, acesso em fevereiro, 2007

LACAN, Jacques. *A Identificação: Seminário 9*: Edição Eletrônica Portfolio Views.

- Lição 5, de 3/12/61
- Lição 6, de 20/12/61
- Lição 20, de 16/05/62
- Lição 21, de 23 /05/62

LACAN, Jacques, Obras Completas, Edição Eletrônica Portfolio Views.

Onde Lacan fala do tempo lógico: Do seminário 1 ao 17

MOURÃO, Arlete. *Sobre o Tempo Lógico e o Inconsciente*, www.interseccaopsicanalitica.com.br/bib, acesso em fevereiro, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan - Esboço de uma Vida, História de um sistema de pensamento*. Tradução: Paulo Neves- São Paulo. Companhia das Letras, 1994.